

O PREÇO DA ASCENSÃO SOCIAL: UMA LEITURA BOURDIEUSIANA DOS FILMES *PARASITA* E *QUE HORAS ELA VOLTA?*

Dalila Auxiliadora Garcia de Oliveira¹

Luiz Fernando de Oliveira²

RESUMO: A ascensão social dos indivíduos das camadas populares é o tema de investigação e análise do presente trabalho, considerando-se para tanto os filmes *Que horas ela volta?* e *Parasita*, observando-se ainda as relações entre eles e as realidades sociais investigadas. O objetivo é compreender os processos pelos quais passam os sujeitos pertencentes às camadas populares que buscam alcançar a ascensão social. Com esse intuito, almejou-se verificar como fatores e conceitos propostos por Pierre Félix Bourdieu se fizeram presentes nos contextos analisados. Nesta perspectiva, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e fílmica como procedimento metodológico, considerando também os dois filmes apresentados, as perspectivas propostas por Bourdieu e demais obras estudadas. Objetivou-se assim, entender como as desigualdades sociais, a posse fraca da junção de capitais e os fatores condicionantes, estão imbricados no delineamento da caminhada formativa dos indivíduos das camadas populares. Desta forma, as análises permitem perceber, que o processo de mobilidade social ascendente pelos quais passaram os sujeitos de origem popular tende a ser complexo e marcado por inúmeras contradições.

Palavras-chave: Camadas populares. Ascensão social. Desigualdades socioescolares. Sociologia da Educação. Experiência Fílmica.

THE PRICE OF SOCIAL ASCENT: A BOURDIEUSIAN READING OF THE MOVIES *PARASITE*, AND *THE SECOND MOTHER*

ABSTRACT: The social ascent of working-class individuals is the subject of investigation and analysis of this work. Besides considering the movies *The Second Mother* and *Parasite*, this work also observes the relations between them and the investigated social realities. The objective is to comprehend the processes that working-class people have to pass when they seek to reach social ascent. Thus, this work verifies how Pierre Félix Bourdieu's factors and concepts are present in the analyzed contexts. In this perspective, this work uses bibliographic and filmographic research as its methodological procedure. It also considers both mentioned

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: dalila.oliveira1@estudante.ufla.br

² Luiz Fernando de Oliveira (Orientador). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, e-mail: luizf@cefetmg.br

movies, Bordieu's perspectives, and other research material. The objective is to understand that social inequality, low capital ownership, and conditioning factors are interconnected in the delineation of the formative path of working-class individuals. Therefore, the analyses make it possible to realize that the ascending process of social mobility that working-class people pass tends to be complex and marked by several contradictions.

Keywords: Working-class people. Social Ascent. Socio-educational Inequality. Sociology of Education. Movie experience.

1 . A abertura e o rompimento do limiar: reconhecimento “da porta da cozinha para lá e o adentrar nas outras partes da casa”

O presente trabalho resulta do meu esforço por compreender, do ponto de vista da Sociologia da Educação, quais os efeitos dos processos vividos por sujeitos das camadas populares que buscam ascender socialmente, considerando as desigualdades sociais. O que envolve ainda, refletir acerca das questões econômicas, políticas e culturais que estão intrinsecamente relacionadas à trajetória formativa desses indivíduos. O artigo foi construído a partir de uma análise de dois longas-metragens, o filme brasileiro *Que horas ela volta?* e o filme sul-coreano *Parasita*, recorrendo à pesquisa bibliográfica, tendo como referencial teórico o pensamento de Pierre Félix Bourdieu e da chamada “escola bourdieusiana”.

A busca neste artigo é pela identificação e compreensão dos processos que os indivíduos das camadas populares vivenciam até alcançar a ascensão social, observando os protagonistas dos filmes mencionados e os contextos sociais, culturais e econômicos pelos quais eles transitam. Objetiva-se, portanto, captar a essência das dicotomias apresentadas nos espaços ocupados por esses sujeitos, percebendo ainda as mazelas que os distanciam, as relações de subserviência que os aproximam e a hierarquização que não permite equiparações.

Este trabalho parte de uma motivação pessoal, que em alguma medida, se relaciona com as vivências e histórias dos sujeitos figurados nos filmes citados, considerando os meios populares como ponto central para as análises. Assim como o espaço no qual nasci, cresci e vivi toda minha infância, adolescência e fase adulta até o presente momento. Almejo desta maneira, compreender a trajetória desses personagens, e os fatores objetivos e subjetivos de todo o processo formativo.

O intuito também é entender as relações estabelecidas entre os personagens e a realidade social investigada, compreendendo toda a complexidade e as contradições desse processo, bem como os fatores condicionantes e potencializadores que envolvem, em alguma medida, o caminhar desses sujeitos, de forma a relatá-lo, pensando ainda nas similaridades existentes ao correlacionar esses fatores com minha história. A proximidade observada nos contextos analisados é vista como ponto de partida para as reflexões, assim como de distanciamento das realidades e acontecimentos percebidos.

Tendo em vista a motivação pessoal que embasa este trabalho e que se sustenta pelas semelhanças identificadas entre as produções fílmicas e textuais analisadas, pelos contextos cultural e socioeconômico observados, e também pela minha história de vida e a dos personagens principais dos filmes. Nessa perspectiva, compreendo a partir das diferentes trajetórias, que envolvem a busca por independência, ascensão social e emancipação pontos de encontro. E, a partir dessas similaridades presentes em certos momentos dos enredos fílmicos e dos textos, me fazem lembrar o que Flick (2005, p. 49), defendeu ao tratar da relação entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que as “questões da investigação não surgem do nada: em muitos casos têm origem naquilo que o investigador é, na sua história pessoal ou no seu contexto social”.

Nesse sentido, para fins de contextualização considero importante falar um pouco sobre minha história de vida. Por conseguinte, incorporando pessoalidade a este trabalho, relato de maneira sucinta minha caminhada, parafraseando Conceição Evaristo, fazendo uso do termo “Escrivência”, cunhado pela escritora e discutido pelas autoras Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira, no livro *Escrivências: Identidade, Gênero e Violência na Obra de Conceição Evaristo* (2016). Nesta perspectiva, descrevo as experiências do meu povo partindo das lembranças que tenho dos relatos, das histórias e das vozes ouvidas, desenvolvendo um olhar para as diferentes situações. Assim, expresso por meio da escrita minhas vivências e dos meus familiares.

Nasci em 15 de junho de 1997, em Carrancas, cidade situada no sul de Minas Gerais, com uma população de aproximadamente 4.000 habitantes, conforme o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), todavia, resido na zona rural desse

município, na comunidade da Estação de Carrancas. No que diz respeito à questão étnico-racial, eu me autodeclaro preta, venho de uma família de mulheres e homens pretas e pretos. Sou filha única de Maria Auxiliadora Garcia e Luiz Carlos de Oliveira, pelo ramo paterno tenho mais irmãos. Minha avó materna se chama Vicência Joviana, hoje com 94 anos, e minha avó paterna se chamava Sebastiana Fonseca, *in memoriam*. Meus avôs, tanto do ramo familiar materno quanto do paterno já haviam falecido quando nasci.

Minha mãe estudou até a antiga 4ª série, atual 5º ano do ensino fundamental, e sua trajetória de vida, bem como de minhas tias, Maria Aparecida, Sebastiana, Zeferina e Dulcinéia, se assemelha muito à de minha avó Vicência Joviana. Minha avó desde a infância trabalhou na colheita e plantio de grãos como feijão, café e milho, e também realizando serviços domésticos em diversas fazendas da região onde morava, levando os filhos juntamente com ela para o labor.

O ramo familiar materno do qual descendo constitui a base a partir da qual meu ser social se forma. Assim, a mulher preta que reconheço em mim hoje tem muito de minha avó, mãe e tias, tal como a resiliência e a força que herdei de minhas ancestrais. Desse modo, dialogando com os conceitos de ancestralidade negra e familiar, compreendo com mais transparência as bases que me formam, a linhagem familiar da qual descendo e as fortes referências que me impulsionam a buscar sempre os meus objetivos e a lutar cada vez mais por reconhecimento.

Pensando nas mulheres de minha família materna, que cresceram desenvolvendo e até hoje desenvolvem funções tipicamente masculinas, de acordo com uma divisão sexual clássica do trabalho, ou, como Bernard Lahire (1997, p. 30) a chama, “divisão sexual tradicional dos papéis domésticos”, vejo essas mulheres como minha inspiração. Desse modo, percebo uma ascensão social gradativa, a qual provavelmente as mulheres de minha família não têm a real dimensão, e muito menos, a percepção do quão desvalorizadas são as funções que elas ocupam na sociedade sexista e machista em que vivemos.

Meu convívio desde a infância foi praticamente todo com a família materna, tive pouco contato com o ramo paterno, que se estabeleceu mais especificamente com minha avó Sebastiana, quando ainda estava viva, e com meu pai Luiz Carlos até uma certa idade. Hoje,

tenho vínculo com algumas tias e primas somente. Meu avô materno, Geraldo Ardolino, faleceu bem jovem, deixando toda a responsabilidade para a minha avó Vicência, conhecida carinhosamente por Fiinha, que juntamente com os filhos mais velhos Davi, José Vicente e Ademir se tornaram a base da família, os principais provedores da casa, mesmo que ainda muito jovens.

Meus tios e tias, em conjunto com minha mãe, trabalhavam para auxiliar minha avó a terminar a construção da casa em que viviam, que meu avô não conseguiu concluir. Os relatos que ouço de meus familiares mais próximos me levam a crer que a vida não foi fácil, marcada por uma série de dificuldades, com uma jornada cansativa de trabalho que na maioria das vezes levava à estafa. Assim, havia a necessidade de uma organização que priorizasse os afazeres tidos como importantes e essenciais para o sustento da família, colocando a escola e as atividades provenientes desse espaço em segundo plano.

A rotina começava ainda de madrugada: minha mãe, meus tios e minha avó saíam para trabalhar e havia uma organização e divisão para ir à escola; alguns dos meus tios frequentavam a escola no período matutino e outros no período vespertino. Foi nesse contexto que nasci e cresci. Vivi uma infância simples, rodeada de bons amigos e de vizinhos acolhedores, repleta de brincadeiras e muita diversão. Desde muito jovem tive inúmeras responsabilidades, mas agradeço pela formação que recebi, e por todas as pessoas que fizeram parte dela de forma direta e indireta.

Minha mãe, quase que trabalhando integralmente como empregada doméstica, que aliás é a profissão que ela exerce há mais de 25 anos, deixou a escola na antiga 4ª série, atual 5º ano do ensino fundamental, assim como quase todos os seus irmãos. Os fatores que culminaram nessa decisão foram os mais diversos, como a necessidade de trabalhar por um período de tempo maior para adquirir mais dinheiro e ajudar no sustento da casa. Nesse cenário, minha mãe e meus tios se encontraram condicionados, em certa medida, a tomar essa decisão e a seguir outros caminhos, exceto um de meus tios, que tempos depois conseguiu concluir seus estudos na educação básica, ingressar e finalizar um curso superior.

Com base nesses relatos, fica evidente que eu, considerando os tios e primos mais próximos, sou a que atingiu um nível maior de escolarização, formada em Administração pela

Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), na modalidade a distância, no ano de 2018, com a colação em 2019. Atualmente, discente do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), também no formato EaD, curso no qual ingressei no ano de 2017 e com previsão de conclusão em meados de 2021.

A escolha por cursos na modalidade a distância se deu pela minha necessidade de conciliar trabalho e estudos, visto que precisava me sustentar de alguma forma e ajudar minha mãe a arcar com as despesas de casa. Neste ponto, enxergo mais um grande desafio, que é o do quanto as condições socioeconômicas implicam em uma rápida entrada no mundo do trabalho e não favorecem a continuidade dos estudos, e é esse cenário que observo no meu contexto familiar.

A realidade descrita acima colabora para que a caminhada escolar da maioria dos sujeitos das camadas populares se encerre ao final do ensino fundamental, e após essa fase esses indivíduos prezam pela inserção no meio profissional, independente do cargo e função assumidos no contexto social, e a relação observada é a seguinte: trabalhar para suprir as carências básicas tidas como essenciais. Desse modo, romper com essa tendência foi e têm sido meu maior desafio.

Contudo, antes de chegar à atual situação relatada, é preciso dizer que sempre gostei muito de estudar, incentivada por minhas primas mais velhas que já estavam no espaço escolar. Apesar de não ter frequentado a educação infantil, pois por um dado período não houve a oferta desta etapa de ensino nas escolas da zona rural. O início da minha vida escolar se deu aos seis anos de idade, na Escola Municipal Olímpio Ferreira Leite (a mesma que minha mãe, tias e tios frequentaram por algum tempo, e que hoje se encontra desativada), mas antes de ingressar no ensino fundamental I eu já sabia ler algumas palavras, escrever meu nome e contar alguns números. Durante minha infância e o período que cursei a educação básica não precisei trabalhar, assim tive a oportunidade de me dedicar integralmente aos estudos, o que entendo como fator importante para meu sucesso escolar, e conseqüentemente para meu ingresso na vida acadêmica.

Prosseguindo, após concluir o ensino médio no ano de 2014, ingressei no curso de Administração no ano seguinte, durante a graduação trabalhei em duas empresas da minha

cidade, uma no campo comercial e outra no ramo do agronegócio, e também como professora de sociologia e história na Escola Estadual Sara Kubitschek do meu município, na qual também cursei e concluí o ensino fundamental II e o ensino médio. A habilitação para lecionar se deu por intermédio do Certificado de Avaliação de Título (CAT) concedido pela Superintendência Regional de Ensino – SRE de São João Del-Rei. Desta forma, assim como meus familiares, por muito tempo tive que me desdobrar entre a jornada cansativa de trabalho, que era dividida entre lecionar e o serviço em empresas de minha cidade.

Minha caminhada profissional se iniciou no ano de 2016 atuando como docente, nesta fase cursava o segundo ano da faculdade de administração (iniciada em 2015). No ano de 2017, ainda atuando como professora, comecei a trabalhar como atendente em uma empresa de materiais de construção em Carrancas, e assim continuei conciliando o serviço e os estudos, e no mesmo ano fui aprovada no vestibular para o curso de Pedagogia na UFLA.

Com essa aprovação, considerando ainda a dificuldade de conciliar tantos afazeres, deixei o trabalho na empresa de materiais de construção. Porém, novamente surgiu a urgência de me manter e ajudar no sustento da casa, e no final do ano de 2017 recebi uma nova proposta de trabalho na área do agronegócio para atuar como secretária, a qual acabei aceitando. Assim, continuei conciliando as duas faculdades, o emprego como professora e esse novo cargo que assumi e atuei durante alguns meses do ano de 2018.

O período que cursei a educação básica foi de poucas dificuldades, atreladas à necessidade de apoio mais pontual em algumas disciplinas (como física e química, por exemplo) por parte da instituição de ensino e também da família, e ao deslocamento de minha casa na zona rural até a Escola Estadual Sara Kubitschek, que se localizava na cidade. Esse trajeto era bastante cansativo e desgastante, e em dias de chuva as incertezas aumentavam devido às estradas de terra estarem intransitáveis e muito perigosas.

Nesta trajetória, contei com professores dedicados, assim como os demais profissionais da educação que atuavam no espaço escolar, que com a forma como conduziam seu trabalho despertaram em mim o encantamento pela área educacional, me incentivando ainda mais a seguir com meus estudos. Dessa forma, comecei a projetar minha vida para além do ensino médio, e a pensar nas possibilidades que tinha para ingressar no ensino superior.

Essa caminhada foi, digamos, bastante solitária no sentido de que eu era a maior responsável por meus sonhos e objetivos, e poucas pessoas compreendiam a importância dessa continuidade para mim. Assim, na época não tive o apoio que julgava necessário de minha mãe e meus familiares mais próximos. Contudo, com o ingresso no ensino superior, a experiência profissional, atuando inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e no Ensino Médio, veio o amadurecimento e a compreensão de que eu não posso esperar e até mesmo exigir um entendimento que as pessoas próximas não tiveram acesso.

Nessa fase da minha vida, na qual comecei a trabalhar e ter que conciliar o serviço e os estudos, fica evidente que para pessoas como eu, pertencentes às camadas populares, algumas necessidades tidas como básicas tinham que ser colocadas como prioridades. Assim, perpetua-se o que presenciei desde a infância: haviam poucas cobranças e baixa preocupação com o sucesso escolar. Com esse entendimento, no transcorrer de minha formação acadêmica sempre fui incompreendida por querer transpor barreiras, e até mesmo adentrar lugares tidos como inacessíveis e inatingíveis para uma menina/mulher preta e pertencente às camadas populares.

Apresentado um breve histórico no que diz respeito à minha origem e caminhada socioescolar, finalizo esse breve exposto no qual compartilhei um pouco de minha história, desafios, angústias e até mesmo os sonhos que realizei e os que ainda pretendo realizar. Agora, começo a delinear, estruturar e a fundamentar este trabalho, tendo como referência autores e obras que nortearão minha escrita.

Partindo dessa perspectiva, trago para a construção e embasamento de meu trabalho, considerando o que foi mencionado e refletido até o momento, alguns dos principais conceitos e terminologias propostos por Bourdieu, que servirão como base para a estruturação e compreensão do presente trabalho, a saber: os conceitos de *habitus*, o conceito de capital econômico idealizado por Marx e utilizado por Bourdieu, o conceito de capital cultural nos seus estados (institucionalizado, incorporado e objetivado), o capital simbólico e social, como também o subjetivismo e o objetivismo (que são formas de conhecimento dos fenômenos sociais às quais Bourdieu se opõe).

Com base nesta conjuntura, dialogo ainda neste trabalho com questões que envolvem a desigualdade social, os fatores condicionantes e a ascensão social, sendo esses alguns dos fenômenos sobre os quais Bourdieu se debruça. Desta maneira, os princípios de inteligibilidade serão utilizados, a partir dos quais busca-se a compreensão dos fenômenos apresentados. Assim, para o embasamento da análise do que foi definido é usado o conhecimento praxiológico, que auxiliará no entendimento da existência de uma liberdade limitada e que certos fatores contribuem para essa limitação.

Para tanto, delimito, ao mesmo tempo que justifico a escolha do seguinte tema: *a ascensão social de sujeitos de origem popular*, bem como do objeto de pesquisa: *a ascensão social dos sujeitos das camadas populares, observando as consequências e sanções envolvidas neste processo*, analisados a partir de dois filmes que apresentam relações com a realidade social investigada, através de uma experiência fílmica. Sendo assim, o intuito com base nessas delimitações é ir de maneira pormenorizada, observando e interrelacionando teoria e prática, afirmando a importância dos estudos embasados nas concepções de Bourdieu.

As reflexões levantadas por Bourdieu trazem para as discussões princípios, linhas de pesquisas e fenômenos relevantes, essencialmente no campo da Sociologia da Educação, como tentativa de mensurar quais os efeitos envolvidos na ascensão social dos sujeitos das camadas populares. Nesse cenário, percebe-se ainda, a importância do cinema para a educação, como canal de visibilidade para questões que muitas das vezes são ideologicamente dissimuladas, sendo assim propulsor de debates acerca de tais temáticas, como as propostas neste trabalho.

Ampliando o leque de justificativas para a construção do objeto de estudo e do tema de trabalho, ressalto a relação estabelecida entre cinema e educação, como ponto relevante e que precisa ser discutido nos cursos de licenciatura, bem como no contexto acadêmico de uma forma geral. As obras cinematográficas nos auxiliam na construção de novas e distintas percepções, e são capazes de nos instigar a pensar nos desdobramentos das histórias, considerando os contextos econômico, político, social e cultural.

Nesta perspectiva, de acordo com Rosália Duarte (2009), em um trecho de sua obra *Cinema & Educação*, que se ampara nos estudos do sociólogo Pierre Félix Bourdieu (1979),

através do cinema e suas obras se desenvolve o que Bourdieu (1979, *apud*, Duarte, 2009, p. 13) chama de “competência para ver”. Assim, permite a quem aprecia uma determinada obra cinematográfica compreender a linguagem e o enredo da história contada, bem como os desdobramentos mencionados no parágrafo acima.

Todavia, para que haja um entendimento criterioso do que se aprecia na ficção, e como certos fatores identificados neste espaço podem ser associados a situações que acontecem na dimensão real, é preciso ter acesso ao cinema. Questão essa que está intimamente ligada à origem e à condição familiar e social dos indivíduos, e à prática de assistir filmes, mensurando até que ponto há correlações entre o que acontece nos contextos real e ficcional.

Desta forma, com o intuito de oportunizar uma compreensão mais aprofundada das principais questões discutidas neste trabalho, recomendo a apreciação dos filmes previamente, visto que os enredos dos mesmos serão revelados, e de certa forma, relacionados aos demais referenciais teóricos apresentados. Essa análise prévia das produções fílmicas, serão a base também, para o entendimento da forma utilizada neste trabalho para fazer citações a trechos dos filmes, visto que utilizarei os tempos aproximados para fazer as devidas referências do que foi mencionado.

Novamente, retorno a uma das questões principais deste trabalho, que é compreender, mediante a análise dos filmes *Que horas ela volta?* e *Parasita*, como as desigualdades sociais, a posse fraca do conjunto de capitais, os fatores condicionantes, e a ausência de oportunidades de fruição de um leque diversificado de produções culturais no caso dos sujeitos pertencentes às camadas populares, tornam-se pontos inibidores para que os indivíduos que pertencem a esses meios ascendam socialmente.

2. Um novo olhar para a arte cinematográfica: de “espectadora a protagonista”

Esta seção é dedicada à descrição dos meus procedimentos metodológicos, estruturados por intermédio de uma pesquisa fílmica e bibliográfica, na busca por evidenciar a importância da arte na área da Educação. Desse modo, encaminha-se também, para o diálogo com um documento normativo e uma produção textual, que irão auxiliar no entendimento da relevância da arte, como instrumento formador e agregador no contexto educativo.

Os aparatos culturais são mecanismos que podem vir a ser utilizados na construção dos mais variados trabalhos, e a arte como uma dessas ferramentas colabora para que as múltiplas linguagens sejam desenvolvidas, principalmente no contexto escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza a importância de trabalhar com a arte em todas as etapas da educação básica, reconhecendo-a como um componente específico que se situa na área de linguagens, explorando desta forma as artes visuais, a dança, a música e o teatro.

Tendo em vista o que a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta, e ainda com base nos estudos de Duarte (2009), percebo a importância da arte na vida dos indivíduos, bem como sua contribuição na formação de sujeitos críticos. A arte pode favorecer o reconhecimento do multiculturalismo, da diversidade e da pluralidade, permitindo que semelhanças e diferenças sejam identificadas e discutidas. Sendo assim, a arte também colabora para uma real compreensão do mundo e suas complexidades, oportunizando a construção de vivências e experiências artísticas capazes de interligar atividades pedagógicas com a prática social.

Nesta perspectiva, buscando adentrar um pouco mais no mundo das produções fílmicas, encontro na linguagem cinematográfica um universo vasto e rico, capaz de articular elementos como som, música, movimento, fala, etc., oportunizando a construção de sentido e significado. Assim, através dos filmes trabalha-se com o campo audiovisual, e ainda com as dimensões do conhecimento propostos na BNCC (BRASIL, 2018), a saber: criação (relacionada ao fazer artístico), crítica (desenvolvimento de posicionamento frente à compreensão de uma dada situação), estesia (articulação da sensibilidade e percepção), expressão (manifestação e exteriorização das criações), fruição (a abertura para sentir e significar as práticas culturais e artísticas) e reflexão (elaboração de ponderações e argumentos).

Neste sentido, tomando por base os filmes *Que horas ela volta?* e *Parasita*, objetivo traçar um paralelo entre os textos fílmicos e os textos acadêmicos, estratégia proposta por Duarte (2009). O intuito também é por identificar e, posteriormente, buscar elucidar, considerando as histórias contadas em ambos os filmes, a trajetória e também as estratégias utilizadas pelos sujeitos das camadas populares que buscam atingir a ascensão social. Neste

contexto, adentro na área da Sociologia da Educação, dialogando com certos conceitos e fenômenos trabalhados por Bourdieu.

Para a análise dos filmes e também estudo e compreensão do referencial teórico bourdieusiano, adotei a seguinte estratégia para fazer o estudo aprofundado dos materiais utilizados: em um primeiro momento assisti ao filme *Que horas ela volta?* sem fazer nenhuma anotação, somente observando e buscando relações com a minha história de vida; a segunda vez que assisti ao filme busquei analisá-lo de forma mais pormenorizada, e fui anotando em um documento de *Word* as cenas de maior destaque a meu ver, e também aquelas que mais se aproximam dos estudos e da linha de pesquisa adotada; a leitura do livro *Cinema & Educação*, de Duarte (2009), foi feita capítulo a capítulo, em um constante processo de ler e reler, para assim buscar compreender os ensinamentos contidos neste trabalho, que de certa forma sistematizam alguns dos principais conceitos de Bourdieu; o filme *Parasita*, foi analisado conforme o primeiro (*Que horas ela volta?*), objetivando identificar os pontos principais do enredo, ao mesmo tempo que fui estabelecendo conexões com o objeto de pesquisa.

Reforço a importância do exercício feito por mim de maneira constante para a construção deste trabalho, no qual busquei sempre assistir aos filmes e reler os materiais que serviram de suporte para a escrita. Dessa forma, no decorrer desse processo a busca também, foi por encontrar subsídios em outros autores e obras que estão no mesmo campo de pesquisa.

Para tanto, as resenhas de filmes (como a intitulada *A gente do andar de baixo*, por Bruno Carmelo), os artigos, as matérias publicadas em revistas e jornais, auxiliaram não somente na escrita deste trabalho, mas também a perceber e entender a arte e suas distintas linguagens. Seguindo por essa perspectiva, as reflexões surgiram no intuito de compreender, no sentido amplo da palavra empregado aqui com a intenção de captar profundamente, os processos de mobilidade social vividos pelas pessoas pertencentes às camadas populares e retratados nos filmes, assim como o todo a sua volta.

Sendo assim, a compreensão almejada vai ao encontro do objetivo, que é apresentar as relações identificadas entre o objeto de estudo, a estrutura social na qual os sujeitos observados estão inseridos e o olhar do pesquisador, como figura que se encontra inserida em

uma determinada realidade, ao mesmo tempo que toma um distanciamento epistemológico. Ao realizar essas correlações, através da arte e do cinema, transito por três posições distintas: como sujeito social feminino, protagonista e espectadora.

Desta forma, torna-se possível compreender por perspectivas diferentes o que há inculcido nas realidades analisadas. Sendo assim, almejo demonstrar a importância dos filmes como material didático-pedagógico na área educacional. No caso específico, para elucidar fenômenos sociais ligados ao pouco acesso dos indivíduos das camadas populares aos aparatos culturais e artísticos, e demais manifestações relacionadas à arte e à cultura. Ou seja, os educadores podem fazer uso das mais diversas produções literárias e artísticas na construção de atividades, ações e projetos de caráter multidisciplinar.

Prosseguindo por esse caminho, os educandos, em contato direto com as produções fílmicas, contando com o suporte e apoios necessários para a construção do conhecimento e desenvolvimento da aprendizagem, terão acesso a mais esse instrumento para o entendimento da realidade social em que vivem e para a delimitação de novos caminhos. Dito isso, passo à estruturação do trabalho: na 1ª seção trabalharei com o filme – *Que horas ela volta?*, na 2ª seção trabalharei com o filme – *Parasita*, e posteriormente elaborarei as Considerações Finais.

3. Entre idas e vindas: *Que horas ela volta?*

O filme brasileiro *Que horas ela volta?*, escrito e dirigido por Anna Muylaert, apresenta duas realidades distintas, mas que são de certa forma interdependentes. Val (Regina Casé), trabalha há anos como empregada doméstica na família de D. Bárbara (Karine Teles), e Dr. José Carlos (Lourenço Mutarelli). O desenrolar da trama se dá nesse contexto, de forma a unir drama e comédia, o filme mostra o retrato do país segregacionista em que vivemos, os preconceitos ainda existentes e as lacunas sociais que separam as pessoas nos espaços comuns, criando regras e padrões que muitas das vezes se tornam fatores condicionantes.

O campo da Sociologia da Educação, dialogando com a Pedagogia e suas práticas, forma um espaço propício para discutir e suscitar questões distintas identificadas no filme. Nesse sentido, há de se considerar dois fatores que de certa maneira permeiam as discussões

propostas que são o preconceito nas mais variadas formas, inclusive o linguístico, e a discriminação. Ambos levantados principalmente pelo fato de que as protagonistas (Val e Jéssica) são mulheres de origem nordestina, mães solo, pobres e pertencentes às camadas populares.

A constatação dessas formas de preconceitos evidencia a assimetria na relação entre as camadas sociais, reveladas no filme como potenciais geradoras também dos atos e ações de cunho discriminatório. A trama nos traz elementos simbólicos que demonstram a forma como o outro enxerga um determinado sujeito em uma dada realidade, e que concedem foco e direcionamento para o filme, evidenciando os contrastes existentes e como eles são percebidos. Nesse sentido, enfatiza-se questões que ainda são naturalizadas em nossa sociedade atual, mas que começam a ser desestruturadas com a chegada da personagem Jéssica (Camila Márdila), que se torna a figura mais importante no filme principalmente por sua postura, que de certa maneira, acaba por confrontar determinadas regras impostas pelas elites.

À medida que o enredo toma um novo caminho, visto que a adolescente desestabiliza as relações familiares naquele contexto, questionando e confrontando os papéis sociais existentes, buscando ingressar no espaço acadêmico, cursar a faculdade que deseja e traçar novos caminhos para sua vida e de sua família. Inicia-se assim, por parte de Jéssica, um movimento de oposição a alguns posicionamentos impostos pelas elites (representada no filme pela família de Dr. José Carlos), gerando situações conflituosas, mas que são “resolvidas” com a intermediação de Val.

No decorrer do filme, as divergências de pensamentos se mostram cada vez mais latentes, mas vão sendo apaziguadas por comportamentos dóceis por parte de mãe e filha. Ou seja, é possível entender que de certa forma, Jéssica e Val percebem que seguir as regras impostas pelas elites e aceitar determinadas condições são caminhos para a mudança de vida. Logo, é compreensível o anseio de Jéssica por dar continuidade em seu processo de escolarização, visto que esse é um dos meios para a almejada ascensão social. Assim, começo a perceber as relações estabelecidas entre os desempenhos escolar, acadêmico, pessoal e profissional, e a origem social.

Seguindo por essa linha de pensamento, reflito acerca do conceito de super seleção, proposto por Bourdieu, permitindo-me compreender a existência de uma pré-seleção dos sujeitos antes mesmo de sua inserção no sistema de ensino. Com base neste entendimento, esse indivíduo de certa forma, assume o papel de trãnsfuga de classe, uma outra concepção elaborada pelo estudioso, deixando evidente que “ir de baixo para cima é guindar-se, trepar e trazer as marcas ou os estigmas desse esforço” (BOURDIEU, 2007, p. 137).

Desta forma, aciono como alicerce o conceito de *habitus* proposto por Bourdieu (2003), que me auxilia a entender até que ponto os aspectos condicionantes são fatores limitadores e/ou impulsionadores na construção da trajetória de vida dos indivíduos pertencentes às camadas populares. Assim, percebo o quanto o meio de convívio no qual os sujeitos foram socializados, e as pessoas que integram um mesmo espaço, interferem nas tomadas de decisões, bem como na definição dos caminhos a serem seguidos.

O filme aborda e propõe ainda discussões acerca das questões sociais, culturais, econômicas e políticas, que são retratadas de forma intensa e dissimulada. Com base nessas constatações, compreendo através do enredo apresentado e também analisando de forma mais ampla, as dificuldades e desafios enfrentados pelas pessoas que são social, econômica e culturalmente desfavorecidas.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, é possível analisar e ao mesmo tempo questionar a posição ocupada pelos sujeitos das camadas populares no contexto social retratado no filme, e também percebido para além da ficção. Ou seja, considerando os espaços reais e comuns que inspiram a criação das produções fílmicas. Desta maneira, mais uma vez a arte se faz presente, como um mecanismo para a compreensão de questões que são por vezes suavizadas, o que acontece na maioria dos casos de preconceitos que se dão nas entrelinhas das relações. Na busca por exemplificar e fundamentar os dizeres anteriores, lanço mão de trechos do filme como na cena em que Fabinho (Michel Joelsas) faz um comentário sobre a forma de falar de Jéssica e Val, em tom sarcástico. Firma-se aqui o preconceito linguístico já mencionado nesse trabalho.

Por conseguinte, a cena segue e Fabinho e os pais se espantam quando Jéssica diz querer entrar em uma faculdade renomada e cursar arquitetura. Nesse dado contexto, torna-se

evidente que eles subestimam os sonhos de Jéssica, e também seu potencial e sua capacidade, o que se firma em mais um a cena do filme com a fala de D. Bárbara dizendo que “o país está mudando”. Essa tal mudança mencionada por D. Bárbara em tom irônico, mais uma vez reforça o conhecimento da impossibilidade social e econômica destes indivíduos de entrarem na faculdade, a descrença de que sujeitos das camadas populares tenham a competência para ascender socialmente, e ocupar posições que historicamente são pertencentes às elites.

Outro ponto do filme que pode ser colocado nessa discussão, é a cena em que a personagem Val conta para a filha que mora na casa de seus patrões, e Jéssica se indigna pela mãe morar no quartinho dos fundos, que por sinal é na parte de baixo da casa, pouco arejado e mal iluminado. No decorrer do filme, percebo a indignação de D. Bárbara ao ter que aceitar que Jéssica durma no quarto de hóspedes, questionando a questão de ser ou não digna para desfrutar de certos “privilégios” que são somente dos indivíduos que integram as esferas dominantes.

Seguindo a via de regra que sustenta o preconceito e a discriminação externados de forma dissimulada, vale ressaltar a cena em que D. Bárbara liga para um profissional especializado em limpeza de piscinas, para ele ir no dia seguinte limpar a piscina na qual Jéssica havia nadado, pois de acordo com ela “deu um problema aqui”. Percebo por esta fala da personagem uma associação entre a pobreza e a sujeira, e mais uma vez essas questões passam pelo crivo da dignidade e da pureza. Através de falas e expressões como as mencionadas que os discursos dos dominadores continuam se perpetuando, por isso a importância de colocar em pauta essas e outras discussões suscitadas por essa produção fílmica.

Tomando por base os questionamentos propostos acima para reflexão, focalizo meu olhar primeiramente para personagem Val, uma mulher parda, portanto negra, pobre, empregada doméstica e nordestina. Ou seja, com fraco capital simbólico, firmado nos dizeres de Oliveira (2017, p. 58), através da visão que “Bourdieu cunhou esse conceito para se referir à forma como um indivíduo é percebido por seus pares e pelas demais pessoas, e é preciso ressaltar que a posse dos demais capitais não determina, mas condiciona essa percepção”.

Nesta perspectiva, mesmo sendo o retrato de grande parte das mulheres brasileiras, Val é vista como desigual, mas que de forma dissimulada, por vezes é colocada como igual, principalmente por seus padrões, quando dizem “você é quase da família”. Na busca por demonstrar o quão forte é a figura expressa pela personagem Val, trago o conceito de “identificação”, proposto por Jacques Lacan (1961), trabalhado por Andréia Stenner (2004, p. 58), que nos diz que “nesse sentido, no plano imaginário ou do outro, a identificação estaria ligada ao aparecimento e desaparecimento, o *fort-da* freudiano, mas trata-se de uma outra ordem, trata-se, mesmo, do significante”.

Portanto, o *eu* se constrói com base nas identificações, que surgem na urgência de uma busca pelo que falta, por isso Val traz consigo um traço único, mas que ao mesmo tempo é a base para a construção do que todo significante comum possui. Todavia, as relações aqui apresentadas se mostram, por vezes, desiguais, calcadas em padrões tidos como ideais. Por esse lado, as mães solo e as mulheres que integram as camadas populares, como é o caso de Val e tantas outras, precisam lidar ainda com as questões de gênero e as étnico-raciais, que precisam ser consideradas e analisadas. Embora todas essas discussões sejam importantes e relevantes, elas não serão aqui aprofundadas, pois elas fogem ao objetivo proposto pelo trabalho.

Os estudos realizados por Bourdieu auxiliam, ainda, a pensar a respeito de dois outros capitais, o econômico já mencionado anteriormente, e o cultural que possuem algumas divisões, as quais permitem realizar certas constatações. Assim sendo, prossigo com as observações acerca da personagem Val, levando em conta agora as duas formas de capital e suas especificidades, percebo que ela se encaixa no grupo dos que detém uma posse limitada dos dois capitais. A filha, Jéssica, participa dos que detém fraco capital econômico e uma posse diferenciada do capital cultural, isso em relação às demais pessoas que assim como ela pertencem às camadas populares. Analisando os dois casos, entendo que ambos culminam em rupturas, que levam mãe e filha, mesmo que em posições e papéis diferentes, a trilhar um destino muito similar. Sendo, então, praticamente idêntico ao se sacrificarem pelos seus, deixando em segundo plano a convivência e lidando em silêncio com a dor.

Seguindo por essa perspectiva, adentro o campo das discussões sobre os *direitos historicamente negados* a uma parcela da sociedade (indivíduos das camadas populares, pessoas negras, pardas, indígenas, sujeitos escravizados e discriminados, entre outras “minorias”), na qual estão: o cerceamento à liberdade, ao direito de escolha e expressão dos reais desejos e vontades; o negacionismo ainda envolto nas discussões acerca da necessidade de oferta de possibilidades e condições mais igualitárias a todos(as); a questão socioeconômica, que se torna um dos principais fatores quando se pensa a reprodução das desigualdades sociais, e os entraves para que as pessoas das camadas populares ascendam socialmente; o olhar para a afetividade como um sentimento que não precisa necessariamente estar presente nesse contexto, por não ser algo imprescindível para pessoas que trazem consigo a força e a resiliência, que muitos julgam como inerentes a esses; a inexistência da oportunidade de desfrutar dos momentos com seus familiares, tendo-se em vista a necessidade desses sujeitos de se dedicar integralmente, de forma quase que incansável, na busca por atingir seus objetivos, abdicando assim de momentos de lazer e prazer, que já são escassos para os indivíduos das camadas populares.

Pontuadas as questões acima, entendo que em alguns espaços, o intuito é que essas discrepâncias existentes, de certa maneira, sejam “empurradas para debaixo do tapete”, e de forma violentamente dissimulada os distanciamentos continuam se perpetuando. No filme *Que horas ela volta?*, a porta da cozinha, na grande maioria das vezes fechada, demarcando então um espaço físico, adquire uma dimensão simbólica, delineando bem como os lugares sociais são definidos. Desta forma, demonstra-se nitidamente a delimitação de espaços, onde os padrões transitam quando e como desejam, e a empregada só adentra nos demais cômodos quando é chamada ou para cumprir com suas obrigações.

Movimentos como esses, que lançam luz nas lacunas existentes e escancaram as relações de subserviência, trazem também a condição de subalterno(a) que é estabelecida seguindo determinada hierarquia, colocando em mundos opostos, mas ao mesmo tempo interdependentes, camadas populares e elites. Assim, as barreiras e entraves são expostos, bem como os costumes e estereótipos que são construídos juntamente com a formação da história de um povo, que podem então ser percebidos em inúmeros âmbitos, inclusive no

escolar, no qual “supunha-se que, através da escola pública e gratuita, seria resolvido o problema do acesso à educação, e assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 12).

Com base nas ressalvas citadas, os estudos desenvolvidos na área da Sociologia da Educação desmascaram a perspectiva na qual o sistema de ensino ofertaria condições iguais, e o sucesso dependeria dos “dons individuais” de cada qual, envolvendo também neste processo “questões de justiça”. A partir dos anos de 1950 e 1960 surgem diferentes visões de mundo e espaço social que colaboram com esse entendimento, e há uma reinterpretação em relação aos papéis das instituições sociais nestes novos contextos.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2017, p. 13) “os anos 60 marcaram a chegada ao ensino secundário e à universidade da primeira geração beneficiada pela forte expansão do sistema educacional no pós-guerra”. Porém, essa inserção no meio acadêmico não alcançou o sucesso desejado, gerando insatisfação e, assim, inúmeras foram as críticas feitas ao sistema de ensino escolar deste período, culminando no “amplo movimento de contestação social de 1968”.

Com base nas concepções de Bourdieu, enxerga-se uma nova maneira de interpretar a escola e a educação, considerando dois conceitos, que de acordo com o estudioso se entrelaçam: desempenho escolar e origem social. Nesse contexto, pensando no processo educativo, considerando a história da personagem Jéssica como um dos pontos de referência, dedico-me mais atentamente a observar as desigualdades sociais e os privilégios sociais das elites (os dominadores).

Desta forma, busco analisar como esses dois fatores citados acima implicam de forma direta e indireta no meio dos dominados (das camadas populares), construindo assim uma teoria sociológica da educação, que está entre as teorias da reprodução social. Caminhando por essa perspectiva, dois conceitos colocados de maneira oposta por Bourdieu permitem compreender até que ponto as motivações pessoais conscientes e as questões presentes na realidade externa são fatores condicionantes para as decisões e escolhas, são eles: o subjetivismo e o objetivismo.

Neste sentido, entendo que a personagem Jéssica, bem como outros sujeitos pertencentes às camadas populares não têm plena autonomia para realizar suas escolhas, mas também não estão totalmente condicionados aos padrões estabelecidos por determinadas estruturas sociais. Desta maneira, Bourdieu pensa o *habitus* que “funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e ações” (BOURDIEU, 2003, p. 57), quase como um “meio termo”, considerando as condições objetivas e subjetivas, estabelecido entre a estrutura e a prática. Ou seja, de acordo com Nogueira e Nogueira (2017, p. 28):

A posição que o sujeito ocupa na estrutura social não o conduziria, diretamente, a agir em determinada direção, mas faria com que ele incorporasse um conjunto específico de disposições para as ações que o orientariam, ao longo do tempo, nas mais diversas situações sociais.

Desse modo, entendo a importância de se compreender como acontece o processo de reprodução das desigualdades sociais, dimensionando até que ponto os condicionantes materiais e simbólicos que agem nos indivíduos e no espaço social se relacionam e interferem no percurso. A não realização dessas reflexões nos impede, muitas das vezes, de compreender as estruturas sociais e pensar a respeito das posições que ocupamos, perpetuando assim as relações de dominação.

No filme *Que horas ela volta?*, Val trabalha como empregada doméstica há muitos anos e está, de certa forma, condicionada à aquela realidade, e quando a filha Jéssica a confronta sobre onde ela aprendeu que não pode fazer determinadas coisas, Val responde “que tem coisas que ninguém precisa explicar, que a pessoa já nasce sabendo, o que pode e o que não pode”. Ou seja, torna-se importante a compreensão das relações estabelecidas, bem como a desnaturalização dos processos, desenvolvendo a consciência de como se desenham as estruturas sociais, entendendo os mecanismos que levam à reprodução e perpetuação das inúmeras desigualdades.

Em vista disso, nota-se que a divisão por classes se torna cada vez mais latente, e nem todos têm conhecimento, somente aceitam as posições que ocupam, os deveres que têm, mas desconhecem o essencial: seus direitos. Assim, de acordo com Nogueira e Nogueira (2017, p. 27):

Eles simplesmente agiriam de acordo com o que aprenderam ao longo de sua socialização no interior de uma posição social específica e, dessa forma, nos termos de Bourdieu, confeririam às suas ações um sentido objetivo que ultrapassa o sentido subjetivo diretamente percebido e intencionando.

Sendo assim, a elucidação que leva ao entendimento desses lugares e posições parte da compreensão do que, de forma semiconsciente, não é percebido e interpretado, agindo de maneira a superar a reprodução das relações de dominação, adquirindo o direito de se permitir conduzir ou não de acordo com a posição social que ocupa.

Percebe-se então, mantendo o foco em Jéssica, que ela se mostra consciente de seus objetivos, almejando através dos estudos (capital cultural institucionalizado) ascender socialmente, ter acesso a outros meios e possibilidades, e desfrutar das novas oportunidades que possivelmente irão surgir em um outro contexto social. Neste processo, o *habitus* tomará um novo formato, sendo então reconfigurado nessa nova realidade, considerando ainda as transformações das características estruturais e pessoais que terão que ser reorganizadas.

Neste sentido, para adentrar e participar desta nova realidade, que de certa maneira, a distância das vivências nas camadas populares, é necessário adquirir um comportamento dócil para com as elites. Ou seja, jogar o jogo estabelecido por eles, seguindo premissas básicas, as quais normalmente direcionam os indivíduos a desejarem e buscarem um alto nível de escolarização, que seria a via de regra e o ponto de entrada em um outro patamar social.

Caminhando para o final do filme, ao observar as duas protagonistas, é possível dizer que cada uma possui uma história, que se desdobra por tempos e espaços diferenciados, o que significa dizer, de acordo com Bourdieu, que o “quadro das disposições” é distinto. Pois ambas participaram/participam de esferas sociais que ao mesmo tempo que apresentam pontos comuns, se distanciam em outros. Assim, o compartilhamento das vivências de Val, interfere de alguma maneira nas experiências de Jéssica, mas não a impede de seguir por caminhos diferentes, em busca da ascensão social.

A trajetória de Jéssica segue um novo curso, que desponta de certa forma, por intermédio da aprovação em um vestibular feito por ela, o mesmo processo que Fabinho também concorreu e não conseguiu ser aprovado. O prestígio de entrar na Universidade de

São Paulo (USP), e cursar arquitetura e urbanismo é conquistado por Jéssica, mesmo que pela via de regra imposta pelas elites. Novamente, o comportamento de docilidade se revela, mas esse é o caminho que grande parte dos sujeitos das camadas populares, como Jéssica e tantos outros, trilham para alcançar a ascensão social.

Desta forma, a protagonista do filme, uma mulher, nordestina e pobre, cheia de rótulos e estereótipos perante a sociedade começa a romper com determinados fatores condicionantes, e assim inicia sua ascensão social. Embora esse seja um dos aspectos importantes abordado no filme, neste trabalho optei por focar e analisar outros aspectos que também considero relevantes, como as relações vivenciadas no âmbito casa, na qual que se passa boa parte da produção fílmica.

A partir das experiências compartilhadas no filme, principalmente por retratarem a realidade de grande parte das(os) brasileiras(os) pertencentes às camadas populares, geram certas identificações, permitindo aos espectadores se sentirem também protagonistas. O sentido então, é sempre o de ir e vir, inspirados nos aprendizados vividos e/ou observados, para assim formar o presente e pensar o futuro, considerando as lições e os ensinamentos para a construção de uma nova jornada.

4. A linha tênue entre o senso de justiça e a sobrevivência: *Parasita*

O filme *Parasita* é uma produção sul-coreana dirigida por Bong Joon-ho, que evidencia em seu enredo as realidades contrastantes de duas famílias, a de Kim Ki-taek (Song Kang-ho) e a de Park Dong-ik (Sun-Kyun Lee), sendo que a primeira vive à margem da pobreza e a segunda desfruta do luxo e da riqueza. De maneira direta, o filme nos apresenta determinadas dicotomias sociais, ao mesmo tempo que traça e define de forma crítica a realidade sul-coreana. Assim, o filme lança luz sobre inúmeras questões, permitindo transparecer as desigualdades econômicas e sociais vividas por uma grande parcela da sociedade. Com base nessa perspectiva, propõe-nos pensar também, até que ponto certas determinações políticas colaboram para a estruturação de distintas realidades presentes nos contextos sociais analisados.

O filme apresenta dois núcleos familiares, mostrando-nos duas realidades distintas, mas que se interligam no decorrer de todo o filme, enfatizando os problemas vividos nos contextos familiares, que são marcados por características opostas. Dá-se início assim, aos planos, articulações e mentiras que fomenta todo o enredo, e o primeiro passo é quando um dos membros da família de Kim Ki-taek (Ki-woo) tem a oportunidade de conseguir um trabalho na casa de Park Dong-ik.

De forma racional e deliberada, cada membro da família infiltrada vai aos poucos conquistando espaço no contexto familiar regido por Park Dong-ik, de maneira quase que imperceptível, semelhante à de um “parasita”, visto que os vínculos familiares de Kim Ki-taek, seus filhos e esposa, não são revelados para a família de Park Dong-ik nos primeiros contatos. Ressalto que o parasitismo pode ser observado em ambas as partes, entendendo que há uma relação de dependência entre as duas espécies diferentes, parasita e hospedeiro, sendo que a última é essencial para a sobrevivência da primeira.

Em contraponto, surge a figura das elites, representada neste contexto pela família de Park Dong-ik, que via de regra são os empregadores, as pessoas que fornecem subsídios para o sustento de outras. Mas na verdade são parasitárias também, essencialmente ao olhar para os indivíduos das camadas populares como meros objetos de trabalho, demonstrando a hierarquia e a estrutura de classes, que evidenciam o distanciamento existente entre os sujeitos dominantes e dominados.

Neste sentido, olhando os dois lados da história, e ainda enxergando por perspectivas diferentes, o desenrolar da trama deixa as mazelas ainda mais aparentes e evidentes. As demarcações que evidenciam as desigualdades, apresentando os caminhos sinuosos que podem ser tomados na busca por oportunidades, sucesso, “privilégios”, saída de uma vida miserável e ascensão social, profissional e pessoal são perceptíveis no filme.

Na tentativa de alcançar a tão almejada ascensão social, as primeiras estratégias dos membros da família de Kim Ki-taek exigem deles certo esforço, uma boa vontade cultural, o que Bourdieu (2013, p. 78) chama de “docilidade”. Isto pode ser observado à medida que novos rumos são tomados por essa família, que busca se inserir no mesmo contexto social que

os familiares de Park Dong-ik vivem, e assim desfrutar das mesmas condições e oportunidades.

Para tanto, é necessário o entendimento de que, ao assumir essa boa vontade cultural, a família infiltrada passa a “jogar o jogo das elites”, aceitando as regras impostas, mas sem deixar de confrontá-las em alguma medida. O que significa dizer ainda, que a ascensão social dos indivíduos das camadas populares dependeria de uma certa docilidade por parte destes, reconhecendo os padrões impostos, os gostos e adquirindo uma titulação acadêmica similar à das elites, legitimando a cultura e o modo de vida dessa estrutura social.

Neste sentido, no intuito de atingir seus objetivos, a família de Kim Ki-taek traça um planejamento e delimita suas metas para chegar à posição que todos ali tanto almejam, mesmo que para isso tenham que seguir por caminhos dúbios, perante um olhar ético e moral de grande parte da sociedade. Seguindo por essa perspectiva, com o desenrolar do filme fica aparente a meu ver, a existência de um planejamento racional, que demonstra o quão calculistas são os membros da família de Kim Ki-taek.

Desta forma, percebo o surgimento de uma busca, que rompe com os limites da Lei, por poder e ascensão, partilhados pelas pessoas da família de Kim Ki-taek, que os leva a criar estratégias contestáveis na tentativa de alcançar certas “vantagens sociais”. Para tanto, percebo uma dose de audácia e perspicácia, principalmente por parte de Ki-woo (Choi Woo-shik) e Ki-jung (Park So-dam), que usam seus conhecimentos, como o bom domínio da língua “cultura” e da articulação para se comunicar, para adentrar vagarosamente no convívio da família de Park Dong-ik.

Considerando o que Bourdieu diz acerca das relações firmadas entre dominantes e dominados, entendo que os membros da família infiltrada utilizaram dessas habilidades elencadas, inclusive do domínio da língua “cultura”, como uma “moeda” de troca (um capital) “que propicia a quem o possui uma série de recompensas, seja no sistema escolar, seja no mercado de trabalho, seja até mesmo no mercado matrimonial” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p. 35). Dessa forma, é possível identificar como outros dois conceitos utilizados por Bourdieu, já mencionados neste trabalho, se relacionam mais uma vez: capital econômico e capital cultural.

Nessa perspectiva, observo que um capital não anula a presença do outro, muito pelo contrário é compreensível que haja caminhos diferentes para alcançar a ascensão social. O acesso ao conhecimento, por exemplo, é um dos meios, porém para isso é necessário ter oportunidades. Todavia, essas possibilidades em suma são ofertadas pelos que detém o capital econômico, que de forma “legítima” usufruem das habilidades intelectuais (entendidas como meros instrumentos de trabalho), com base nas relações de poder estabelecidas.

Constato, então, que os grupos das camadas inferiores, representados nessa seção pela família de Kim Ki-taek, almejam de certa forma a ascensão, tendo a possibilidade assim de consumir e/ou apreciar os bens materiais, culturais, sociais, etc., que são de posse exclusiva das classes dominantes, almejando deixar para trás as condições nas quais “sobreviviam”. Contudo, os caminhos percorridos rumo ao reconhecimento e posição social almejados são, por vezes, incertos e sinuosos.

Para tanto, considerar diferentes perspectivas é fundamental, pois esse movimento leva a uma maior percepção dos fatores que influenciam direta e indiretamente na trajetória dos personagens principais. Assim, não basta o mero esforço e a dedicação, nem mesmo as altas habilidades de Ki-woo e Ki-jung. Ou seja, quando não há condições e oportunidades favoráveis, o tão almejado sucesso no meio escolar e em outros ambientes não é alcançado a curto prazo, de forma imediata.

Desse modo, questões econômicas e sociais, por exemplo, interferem de maneira direta quando Ki-woo e Ki-jung não tiveram condições de dar continuidade nos estudos, e assim cursar o ensino superior. Ou seja, não bastou para Ki-woo somente seu inglês fluente, e para Ki-jung sua capacidade interpretativa, bem como para os pais, Kim Ki-taek (Song Kang-ho) e Chung-sook (Jang Hye-jin), a articulação e o planejamento.

Em vários momentos do filme, a capacidade e as habilidades dos membros da família de Kim Ki-taek são colocadas à prova, e inclusive questionados por eles mesmos, quando em dado momento, o Sr. Kim diz: “é por isso que as pessoas não podem fazer planos, sem planos

nada pode dar errado”³, após perder tudo em uma forte chuva que alaga sua casa, ou melhor descrevendo, o porão em que morava com sua mulher e filhos.

Analisando de forma mais detalhada o lugar onde a família de Kim Ki-taek reside, é possível perceber a pouca ventilação, a baixa entrada de luz solar e os móveis simples — cenário bem parecido com o espaço onde Val, protagonista do filme *Que horas ela volta?*, vivia. Vale lembrar, que a empregada Gook Moon-gwang (Lee Jung-eun) matinha seu marido, Oh Geun-sae (Park Myung-hoon), no porão da casa da família de Park Dong-ik. Tendo em vista esse contexto, compreendo as relações desiguais que se estabelecem e evidenciam quão grande é o distanciamento existente entre os diferentes contextos sociais e econômicos apresentados no filme, ou seja, entre as camadas populares e as elites.

Assim, fatores tecnicamente simples podem ser problematizados, como a chuva que é boa para uns, e para outros causa a destruição ou alagamento de sua casa. Enquanto para alguns é uma escolha querer dormir em uma barraca cara e impermeável na parte externa da casa, como faz Da-song (Jung Hyun-joon), para outros esta é a única opção. Como acontece com a família de Ki-woo, que perde tudo, inclusive o lar, por conta da precariedade e da falta de infraestrutura de sua casa.

Nos contextos pelos quais os personagens do filme transitam, surgem diferentes formas de preconceito e discriminação, dois exemplos podem ser aqui colocados. Um deles, se dá quando Park Dong-ik fala do cheiro do Sr. Kim, comparando-o à “um pano de chão velho quando fervido”. Colocações como essas levam muitos a duvidar de suas qualidades, colocando em xeque suas convicções, induzindo-os a se questionarem, como quando Ki-woo pergunta para Da-hye (Jung Ji-so) se ele se encaixa naquele mundo (das elites).

Da mesma forma como no filme, os questionamentos e as reflexões surgem em vários momentos vividos pelos indivíduos das camadas populares da sociedade, que passam a confrontar sua capacidade. Essas questões comungam com o sentimento de não pertencimento desses sujeitos e, até mesmo, de não se sentirem dignos de ocupar determinados cargos, assumir certas funções e adentrar em alguns meios, como o espaço escolar, por exemplo.

³ A transcrição de determinada fala do filme é realizada de acordo com a mídia utilizada nesta pesquisa. JOON-HO (2019).

Tomando por base a inserção e permanência no contexto acadêmico, percebe-se que pessoas menos favorecidas econômica e socialmente, mesmo tendo seu potencial reconhecido, têm dificuldades e entraves para chegar e continuar nesse meio. Porém, mesmo diante de tanta pressão, falta de reconhecimento, respeito e oportunidades, de acordo com Nogueira e Nogueira (2017, p. 15), de posse dos dizeres de Dubet (1998):

Trata-se de uma teoria que, em alguma medida, consegue explicar até mesmo os fatos que a contradizem, como, por exemplo, os casos improváveis de sucesso escolar em meios populares, os quais são vistos como exceções que confirmam a regra e que reafirmam a autonomia relativa do sistema escolar, alimentando a ilusão, tida como necessária, de neutralidade em seu funcionamento.

Assim sendo, Ki-woo e Ki-jung são algumas dessas “exceções que fogem à regra”, que, mesmo diante de um processo educacional que, em linhas gerais, perpetua as discrepâncias, são capazes de superar certas dificuldades e desafios, adentrando em espaços que por anos foram compreendidos como exclusivos das elites. Porém, o processo para adentrar neste novo meio fez com que os membros da família infiltrada incorporassem comportamentos contraditórios, jogando com regras que fogem do campo da moralidade e da legalidade.

Todavia, essas não foram as únicas mudanças essenciais, tendo a compreensão que somente os conhecimentos escolares de Ki-woo e Ki-jung não foram suficientes, os membros da família de Kim Ki-taek precisaram construir um novo perfil social, levando em conta a nova realidade que eles adentraram. Para tanto, esses indivíduos tiveram que desenvolver uma junção de práticas, modificando o vestuário, a forma de se comunicar e de se portar, o que de acordo com Portes (2001), podemos entender como um mimetismo estratégico. Assim, é necessária uma espécie de ocultamento dos traços e da origem dos membros da família de Kim Ki-taek, buscando uma adaptação às novas condições que, em suma, exige uma reconfiguração do *habitus*.

Os membros da família de Kim Ki-taek, nesta busca por liberdade e ascensão que tanto almejavam, percorrem uma trajetória na qual acabam por perder a identidade, que de

certa forma foi aos poucos sendo moldada, assumindo padrões e costumes típicos das elites. O que podemos chamar de um processo de deserção de classe que acontece com os indivíduos das camadas populares que ascendem socialmente, tentam incorporar e reproduzir as ações da hierarquia dominante. Desta forma, não nego a existência de uma mobilidade social ascendente, de caráter intergeracional, que culminou em uma mudança de posição na hierarquia.

Contudo, esse processo de ascensão custou a incorporação do modo de vida próprio daquela elite (família de Park Dong-ik), entendendo que a ascensão social implica diretamente na transformação da identidade. Para isso, os infiltrados precisaram passar por um longo período de aprendizado para que todos os membros da família se adequassem à cultura dominante. Mas não é uma questão de incorporação e adaptação somente, aos poucos começam a surgir certas limitações, entraves e questionamentos no relacionamento entre as famílias de Kim Ki-taek e de Park Dong-ik.

Neste sentido, as ações com o intuito de promover a igualdade e a equidade não se concretizam na relação entre as diferentes estruturas sociais, ou seja, mesmo estando em posições que para alguns podem ser consideradas como semelhantes, a exclusão social e as diferenças culturais e comportamentais existem e não há como tentar negá-las. De certa maneira, serão sempre pontos de distanciamento entre as elites e as demais camadas sociais. Ou seja, a relação de dominante e dominado existirá e persistirá, o que modifica é a posição ocupada pelos indivíduos nos diferentes grupos e instâncias sociais.

Seguindo por essa perspectiva, os relacionamentos construídos/pautados na disputa por poder e privilégios vão sempre existir também, e quando os limites são extrapolados, tem-se o mesmo desfecho da vida de um “parasita”, que sobrevive somente por um tempo, sendo dependente de um outro organismo. Dessa forma, é importante sempre compreender esse processo de transformação da identidade que faz parte da ascensão, para viver e não somente sobreviver, seguindo os princípios éticos e morais e as premissas básicas de vivência em sociedade.

Assim sendo, o movimento é sempre o de caminhar por uma linha tênue, que exige saber dosar as ações e atitudes, medindo até que ponto vale tudo pela tão almejada ascensão

social. O que implica dizer ainda, que não há escolhas totalmente certas ou erradas, mas sim condições objetivas e subjetivas que estão envoltas nesta tomada de decisão, que estão intimamente ligadas ao *habitus*, à oferta de oportunidades, aos fatores condicionantes e às possibilidades encontradas em tempos e espaços diferentes.

No final do filme, a disputa fica ainda mais intensa, torna-se cruel, sedenta e violenta, com muitas mortes e perdas nas duas famílias envolvidas. Esse fim sangrento é fruto de uma opressão que silencia os indivíduos das camadas populares, e de certa forma também das elites, e quando há um “rompimento” ele é exacerbado, no sentido de exprimir todas as desigualdades, preconceitos e exclusões que por tempos foram toleradas.

Por fim, o filme *Parasita*, constrói seu enredo com base no terror, comédia, drama e tragédia. Os personagens principais a todo tempo vivem um misto de sentimentos, e experimentam com uma dose de intensidade o ressentimento, a cobiça, a raiva, o ódio e as paixões. Sendo que, em boa parte do filme, as ações são guiadas de forma racional e controlada, principalmente por parte dos membros da família de Kim Ki-taek que buscam ascender socialmente, mas no decorrer da trama suas ações fogem do controle e começam a ser conduzidas de maneira improvisada.

Contudo, quando o filme se direciona para o final, o sentir se sobrepõe e acaba por reger o agir, os contratos são rompidos, as consequências se evidenciam, e ambas as famílias sofrem sanções, no sentido de serem punidas com perdas materiais, pessoais e físicas, e ter por um lado, o direito à liberdade cerceado. Essas sanções se tornam evidentes em alguns pontos do filme, como por exemplo, a cena em que Park Dong-ik fala do mal cheiro de Kim Ki-taek, quando delimitam-se os lugares comuns que cada família pode transitar, mas são percebidas com transparência nos momentos finais do filme.

5. Considerações finais

O presente trabalho pautou suas análises com base no seguinte objeto de pesquisa: *a ascensão social dos sujeitos das camadas populares, observando as consequências e sanções envoltas neste processo*, e considerando ainda duas produções fílmicas, *Que horas ela volta?* e *Parasita*. Neste sentido, é importante destacar que em ambos os filmes existem pontos

comuns, expressos no formato de sanções sociais e consequências. Ou seja, o processo de ascensão, ao contrário do que o discurso comum prega, traz a necessidade de adaptação e reorganização do *habitus*, a deserção de classe, a incorporação da cultura das elites dominantes, etc.

Pensando no distanciamento entre as duas produções, no caso do *Parasita* as consequências são muito mais explícitas, culminando em mortes, assassinatos e prisões, já as sanções que acontecem em *Que horas ela volta?* são dissimuladas, expressas nas entrelinhas, como forma de discriminação e preconceito. Outro fato, é que no último filme mencionado o processo de ascensão social de Jéssica acontece com base em uma certa docilidade em relação ao jogo social, cujas regras são ditadas pelas elites. Ou seja, ela joga esse jogo para “subir” na vida, como popularmente dito, e alcançar a ascensão social, aceitando ter que cursar uma universidade, adquirir um elevado capital cultural institucionalizado, e seguir um padrão predisposto pelas elites.

Analisando o filme *Parasita*, percebe-se um jogo violento por parte dos membros da família de Kim Ki-taek para adentrar no mundo das elites, que extrapola certos princípios morais, chegando até a ser criminoso aos olhos da Lei. Porém, novamente uma outra questão aproxima os dois filmes, que é a posse do capital cultural, visto que os três jovens (Ki-woo, Ki-jung e Jéssica) detêm um conhecimento amplo, fruto do contato com uma forma bem específica de capital cultural, uma espécie de capital escolar, que proporciona essas ascensões em alguma medida. Pois, de posse desse conhecimento, Ki-woo que fala bem inglês, consegue através desse artifício ensinar Da-hye. Ki-jung que entende bastante de artes, por saber manusear bem os recursos tecnológicos, começa a instruir Da-song, e com isso ambos adentram no ambiente daquela família.

No filme *Que horas ela volta?*, o processo de escolarização e a importância da escola na vida de Jéssica, pode ser observado com uma maior expressividade, visto que a protagonista busca se inserir no espaço acadêmico, mesmo diante dos mais variados fatores condicionantes. Neste sentido, a história compartilhada através desta produção apresenta um retrato de muitas das vivências partilhadas por pessoas pertencentes às camadas populares, que é o meu caso. Assim, em um constante processo de resistir para existir, precisamos

gradativamente ir rompendo com os silêncios, e as violências que nos desumanizam, bem como Val e Jéssica fizeram, buscando encontrar novos caminhos.

Busco por fim, referência no trecho de uma estrofe da música *É tudo para ontem*, do rapper Leandro Roque de Oliveira, vulgo Emicida, em parceria com o cantor Gilberto Gil, que diz o seguinte: “Viver é partir, – Voltar e repartir, – Partir, voltar e repartir”. Com base nessa pequena parte da canção, compreendo que a vida é construída de idas e vindas, e neste processo partilhamos muitas histórias, e temos a oportunidade de “repartir” muitos de nossos aprendizados.

“Link para vídeo de apresentação disponível em: <<https://youtu.be/ojW66zNrO9c>>”.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2013.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. In.: ORTIZ, Renato (Org.). *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho d’Água, 2003.

_____. **O Poder Simbólico**. 10ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. A área de Linguagens. Arte. Ministério da Educação. In: _____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. MEC/CONSED/UNDIME. Brasília, DF, 2018. Cap. 04, p. 193-198. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2021.

CARMELO, B. **Parasita: A gente do andar de baixo**. AdoroCinema, 2019. Resenha de: CARMELO, B. Site AdoroCinema, no campo Críticas do AdoroCinema. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-255238/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 29 dez. 2020.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Orgs.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

EMICIDA. **Emicida** – É tudo pra ontem part. Gilberto Gil. Dirigido por Fred Ouro Preto. São Paulo: São Paulo Film Commission, 2020. 1 Vídeo (06 min. 11 seg.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qbQC60p5eZk>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FLICK, U. **Métodos qualitativos na investigação científica**. Lisboa: Monitor, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico de 2010**. Gráficos e cartogramas por municípios e unidades da federação (aplicativo web). Disponível em <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/entorno/>>. Acesso em: 04 mai. 2021.

JOON-HO, B. **Parasita**. Coreia do Sul: CJ Entertainment et al., 2019.

LAHIRE, B. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. As Razões do Improvável. Editora: Ética, 1997.

MUYLAERT, A. **Que horas ela volta?** Rio de Janeiro: Globo Filmes et al., 2015.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. 4^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

OLIVEIRA, L. F. de. **QUANDO SÍSIFO ALCANÇA O TOPO DA MONTANHA: Escolarização de longo curso, vida socioprofissional e disposições culturais de sujeitos de origem popular**. 2017. 384 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBDAW9LQ8/1/tese___luiz_fernando_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

PORTES, É. A. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/FAEC-84NQZ9>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

STENNER, A. S. A Identificação e a Constituição do Sujeito. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2004. 24 (2), p. 54-59. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07>>. Acesso em: 27 jan. 2021.